

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Pires de Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.7572013101	
CAPÍTULO 2	13
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.7572013102	
CAPÍTULO 3	30
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7572013103	
CAPÍTULO 4	42
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
DOI 10.22533/at.ed.7572013104	
CAPÍTULO 5	55
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7572013105	
CAPÍTULO 6	69
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
DOI 10.22533/at.ed.7572013106	
CAPÍTULO 7	84
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
DOI 10.22533/at.ed.7572013107	
CAPÍTULO 8	96
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.7572013108	
SOBRE OS AUTORES	108

TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981 - 1988)

Palmira Heine Alvarez
(UEFS)

Andréia Abdon Peixoto
(UEFS)

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, a questão da construção simbólico-discursiva sobre a mulher em diversas materialidades midiáticas históricas tem nos interessado. Assim, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD), cujas pesquisas e discussões ocorrem no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana, temos debatido questões sobre gênero e discurso, principalmente no que diz respeito aos modos de discursivização da mulher que nos permitem compreender as formas de constituição histórica dos sentidos de feminilidade.

Diante disso, nos debruçamos agora sobre uma materialidade jornalística feminista que, derivada do que se costumou denominar imprensa feminista, abriu espaço para abordagem de temas antes considerados pouco interessantes para mulheres. O Jornal Mulherio que circulou no Brasil entre 1981 a 1988, resistindo, na época, à ditadura militar

que já estava nos seus últimos anos. Antes de falarmos sobre o Jornal, cabe fazermos uma diferenciação importante entre a imprensa feminina e a imprensa feminista no Brasil, sendo esta última o *locus* de constituição do Jornal Mulherio. Consoante Duarte:

(...) a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil nas primeiras décadas de século XIX (...) Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que, por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto da exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna que o seu sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles até hoje contém. Mais do que os livros, foram os jornais e revistas, os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram como espaço de aglutinação, divulgação e resistência. (DUARTE, 2017, p. 14)

Se a imprensa feminina é aquela destinada a mulheres, mas sem reivindicar, para estas um lugar de equidade na sociedade e de luta contra a desigualdade de gênero, a imprensa feminista “se diferenciara da anterior por protestar contra a opressão e a discriminação

e exigir a ampliação de direitos civis e políticos” (DUARTE, 2017, p. 14). Assim, é dentro da chamada imprensa feminista que o Jornal Mulherio se constitui, e é desse lugar de fala que os artigos e reportagens ali colocados significam na e pela história.

O objetivo desse trabalho, portanto, é pensar o jornal Mulherio como um instrumento que, resistindo à formação ideológica dominante que atribuía à mulher a posição subalterna, ousava dizer o que era silenciado através do silêncio local, conforme postulado por Orlandi (2007), ou seja, do silêncio da censura, da interdição, aquele que não permite que determinados sentidos sejam instaurados.

As frestas do movimento dos sujeitos enunciadorees nesse jornal, a crítica às estruturas da sociedade patriarcal, o atravessamento das ideias feministas num período onde o não dizer era imposto por um regime ditatorial, serão abordadas neste artigo a partir da discussão sobre os sentidos de trabalho, da problematização da divisão de tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, das mulheres que se inseriam no mercado de trabalho, muitas vezes, deixando os filhos sob os cuidados de babás ou das avós e assumindo a responsabilidade com as despesas.

Desse modo, é pelo viés da Análise de Discurso de vertente pecheutiana que procuraremos nos inserir teoricamente, a fim de analisar a constituição de sentidos sobre mulher e trabalho em um exemplo retirado do Jornal Mulherio, a partir de um atravessamento do discurso feminista, no qual mulheres de diferentes profissões e idades falam sobre o trabalho por elas realizados, sobre a responsabilidade de compor a renda familiar. Nas teias dos sentidos, vamos conduzindo nosso olhar, a fim de debatermos sobre os silêncios, sobre a ideologia que faz normalizar a ideia de que à mulher é imposto o trabalho doméstico, e ainda sobre o dizer e o não dizer.

1 | A ANÁLISE DE DISCURSO: ALGUNS PRINCÍPIOS

O lugar teórico do qual enunciamos nesse artigo é o da Análise de Discurso de vertente pecheutiana. Tal corrente, surgida na França na década de 60, através do filósofo Michel Pêcheux, propunha estudar o discurso, refletindo sobre alguns aspectos que até o momento em que o filósofo escrevia, não tinham respostas, quais sejam: como sujeitos diferentes interpretando uma mesma materialidade podem gerar sentidos diferentes?, como a linguística formal lida com a questão do sujeito e da subjetividade na língua?

Levando em conta que o discurso possuía uma natureza complexa, que unia a língua, o sujeito e a história, Pêcheux recorre à articulação entre diferentes teorias para a constituição da Análise de discurso, num diálogo transdisciplinar, numa região de entremeio. Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p.8), a constituição da Análise do discurso:

reside na articulação de três regiões de conhecimentos científicos: (a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; b) a linguística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos

sintáticos e dos processos de enunciação; c) a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (...) Essas três regiões são, de uma certa maneira, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica.

Da linguística, Pêcheux (1997) bebe na fonte estruturalista, recortando da mesma a teoria Saussuriana, buscando ampliá-la, a partir do questionamento e da crítica à ideia de homogeneidade e autonomia completas da língua proposta por Saussure. Assim, Pêcheux reconhece que a língua é um sistema dotado de regras próprias, mas, pautando-se, sobretudo, na teoria do valor postulada por Saussure, ele afirma que o próprio sistema linguístico é sujeito ao equívoco, uma vez que o sentido das palavras pode sempre ser outro, pode deslizar e deslocar-se de si mesmo. Daí a afirmação pecheutiana de que a língua “constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos” (Pêcheux, Fuchs, 1997, p.172). Assim, a língua é o *locus* no qual se materializam os efeitos ideológicos, é a partir dela que os sujeitos se constituem como tais. Aqui, cabe o questionamento: como o trabalho feminino é discursivizado no *Jornal Mulherio*? De que modo os efeitos de sentido, produzidos no deslocamento do dizer da ideologia patriarcal se constituem rompendo o silenciamento imposto pela censura do fim da ditadura militar nas materialidades analisadas?

Da teoria das ideologias, Pêcheux bebe na fonte das ideias de Althusser as quais retomaremos aqui para compreender a dimensão ideológica que se concretiza no discurso e, desse modo, compreender como a ideologia funciona construindo sentidos no *Jornal Mulherio*. Segundo Althusser, a ideologia tem uma existência material, não está apenas no campo das ideias, devendo ser entendida como um conjunto de práticas materiais. É essa questão que interessa sobremaneira a Pêcheux: a materialidade linguística, portanto afetada pela história é vista como lugar material de constituição do discurso, afetado pela ideologia. Este último conceito, caro aos estudos de vertente pecheutiana, seria definido por Althusser como a “relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 85). Assim, um sujeito que acredita em Deus, por exemplo, traduzirá a ideia de crença em um ser divino em práticas materiais que incluiriam, por exemplo, a oração, a ida a templos religiosos, dentre outras coisas. Nesse ponto, Althusser ressalta que a ideologia pressupõe uma prática material, ou seja, ela se materializa em práticas diversas que se difundem socialmente.

Althusser postula também a famosa ideia de que o homem é um animal ideológico, e que, portanto, não existem sujeitos fora da ideologia, ao contrário, para se constituírem como tais, os sujeitos são interpelados ideologicamente, num processo inconsciente, marcado pelo esquecimento: ele não se dá conta que está sendo interpelado e acredita estar exercendo sua livre vontade, sua liberdade de escolha. No entanto, a despeito da ideia de liberdade completa, apresentada aos sujeitos de modo a dissimular para eles a sua dependência em relação à ideologia, Althusser (1985) enunciava que os sujeitos não podiam escapar dela, ou seja, “toda ideologia interpela os indivíduos enquanto

sujeitos concretos” (ALTHUSSER, 1985, p.96). Bebendo nas ideias de Althusser, Pêcheux desenvolve o conceito de que o sujeito para se constituir como tal assujeita-se à língua e à ideologia. Ele não é livre para dizer o que quer, ao contrário, diz o que pode ser dito a partir da posição que ocupa no discurso, a partir do lugar que a ideologia permite que ele fale.

Da teoria da psicanálise, bebendo da fonte de Lacan, Pêcheux postula que o sujeito do discurso, diferente do sujeito cartesiano do “penso logo existo” é atravessado pelo inconsciente. O inconsciente, estruturado em forma de linguagem, carrega enunciados históricos e sociais que constituem o sujeito afetado pela ordem do simbólico. Dessa forma, o sujeito do discurso, portanto, não percebe que desde sempre é interpelado pela ideologia e que tal interpelação é condição essencial para que ele se constitua como tal. Aliás ele só é sujeito porque é interpelado ideologicamente. O sujeito esquece, pelo trabalho da ideologia e do inconsciente, que não é a origem do dizer e não pode controlar os sentidos, e que o que postula ou enuncia, já foi dito antes, em outro lugar, já carrega outros sentidos construídos na historicidade. Pêcheux (1997) postula que o lugar ocupado pelo sujeito não é um lugar vazio, mas ao contrário disso, é um lugar preenchido pelo que ele chama de forma-sujeito do discurso, ou seja, o sujeito de saber de uma formação discursiva (FD). É através de uma forma-sujeito, que pressupõe uma maior ou menor identificação do sujeito do discurso com a FD, que este sujeito se movimenta se identificando, contraidentificando ou desidentificando com os saberes de uma dada formação discursiva. Assim, quando o sujeito se identifica completamente com os saberes da FD na qual está inserido, ele é considerado o bom sujeito; quando critica, discorda, questiona, é considerado o mau sujeito da formação discursiva, contraidentificando-se com ela e, finalmente, quando rompe com essa FD, desidentifica-se com ela, inserindo-se em outra zona de sentidos. A formação discursiva é um dos componentes da formação ideológica.

Por sua vez, a ideologia camufla para o sujeito a opacidade da língua e os sentidos lhes são dados como naturais, originais e únicos. Como afirmavam Pêcheux e Fuchs, os processos discursivos não se originam no sujeito, mas têm uma origem histórica:

[...] os processos discursivos, como foram aqui concebidos, não poderiam ter sua origem no sujeito. Contudo, eles se realizam necessariamente nesse mesmo sujeito. Esta aparente contradição remete na realidade à própria questão da constituição do sujeito e ao que chamamos seu assujeitamento. (PÊCHEUX, FUCHS, 1997, p.170)

O sujeito do discurso fala a partir de lugares sociais e históricos. O que ele diz traz marcas de outros dizeres, de já ditos, da memória histórica. A noção de memória discursiva nos interessa bastante neste artigo, uma vez que pretendemos analisar os sentidos de maternidade e sua ligação com a noção de feminilidade a partir de depoimentos de mulheres que ocupavam diferentes posições sociais na década de 80, depoimentos estes que foram publicados no Jornal Mulherio.

1.1 A Memória Discursiva

Diferentemente da memória cognitiva ou pessoal, a memória discursiva não pertence a um sujeito. Ela é uma memória histórica e coletiva consubstanciada nas palavras e enunciados. Assim, quando se fala de memória em Análise de discurso não se faz referência à memória no sentido psicológico do dizer, mas à memória histórica, na qual as palavras e enunciados são constituídos. Segundo o que nos diz Pêcheux, a “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 2010, p.50)”.

A memória é, por assim dizer, o que permite compreender que os sentidos são constituídos numa dimensão histórica, carregam outros sentidos, trazem já-ditos. A memória, portanto, é o pano de fundo para restabelecer os implícitos, é o que faz com que o discurso tenha uma dimensão heterogênea, pois sempre há outros dizeres dentro do que está sendo dito.

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

A memória é também o lugar de embates entre os sentidos. É pela paráfrase que a memória se materializa, mas é também pela paráfrase, pelas falhas e buracos gerados pelo dizer parafrástico, que o sentido deriva e pode ser outro. Assim, sob o mesmo dizer parafrástico, abre-se então o jogo da metáfora, o dizer de outro modo “(...) Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 2010, p. 53). Daí, a polissemia. É, portanto a partir da opacidade da língua, pela possibilidade de o dizer se deslocar, que a memória se atualiza. Desse modo, não se pode conceber a memória como algo homogêneo e estável. Ela é movente, se modifica a partir das brechas do sentido. A memória pode transformar-se envolvendo retomadas, réplicas, divisões e disjunções. Conforme afirma Pêcheux (2010):

A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 2010, p.56)

Courtine (2009, p.105) postula que “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. A dimensão histórica do enunciado indica, portanto, que este não é apenas uma estrutura sintática isolada, mas é um elemento que se constitui na e pela história, carregando, portanto, sentidos outros, constituídos em outros momentos, ditos de outros modos e atualizados pela memória discursiva.

De que modo a construção da ideia de trabalho ligada à mulher se constitui no discurso a partir do depoimento de mulheres enunciadoras do Jornal feminista Mulherio, da década de 80? De que modo, a memória, funcionando entre a paráfrase e a polissemia traz sentidos sobre mulher e trabalho nas materialidades analisadas? De que forma esses dizeres resistem aos dizeres da ideologia patriarcal? Esses questionamentos serão pensados a partir do recorte a ser analisado do Jornal Mulherio.

1.2 O Jornal Mulherio e a Problematização do Trabalho Feminino

Composto por pesquisadoras feministas ligadas à Fundação Carlos Chagas (FCC), nasce na década de 1980, mas precisamente no ano de 1981, subsidiado pela Fundação Ford, o jornal Mulherio, um periódico que tratava sobre temas relativos à posição das mulheres na sociedade, a partir de um discurso que dialogava com as ideias feministas e reivindicava um lugar para a mulher na sociedade, no mercado de trabalho, na esfera pública. Com o olhar voltado para a condição das mulheres no Brasil nos anos 80, pesquisadoras da FCC, sistematizam informações sobre o universo feminino. Situando-se dentro da imprensa feminista, Jornal Mulherio problematizava o papel da mulher na sociedade, oferecendo uma alternativa aos periódicos da imprensa feminina que eram disponibilizados para as mulheres à época, nos quais apenas temas considerados do que se chamava de interesse feminino eram abordados, tais como: cuidados com o lar, marido, filhos, moda e novelas. Por ser um periódico feminista, o Jornal trazia temas antes silenciados como a sexualidade feminina, o aborto, e a problematização de temas já naturalizados como de interesse feminino pela ideologia dominante.

Inicialmente, nasce a proposta de um boletim de notícias, porém, logo o boletim dá origem ao jornal e um tablóide toma corpo. De maneira séria, o Jornal Mulherio assume um papel de repositório de dados sobre a condição da mulher à época, servindo como um “observatório da mulher” e desmascarando de forma organizada e abrangente a condição feminina.

O periódico era mantido através de verbas recebidas pela Fundação Ford e pela venda de exemplares. Dirigia-se a três públicos: os órgãos de comunicações, os grupos de mulheres e as entidades culturais e acadêmicas. Tinha como objetivo se tornar meio de orientação e manancial informativo para os que focalizavam tais assuntos.

O jornal se inicia com um conselho editorial composto por 16 mulheres com histórias de batalhas pela melhoria da condição feminina no Brasil, como profissionais e como militantes e por essa “reunião de mulheres”, “porção de mulheres” que compõem o jornal, ele foi intitulado de Mulherio. Inicia-se a publicação no ano de 1981 e finda-se no ano de 1988, tendo portanto, circulado durante sete anos.

Um dos assuntos trazidos à luz pelo periódico é a questão do trabalho, no entanto, no veículo, esse assunto é problematizado trazendo dados acerca da condição da mulher

sob a ótica dos trabalhos domésticos e sua pequena inserção no mercado de trabalho. No recorte colocado na seção seguinte, o trabalho é discutido através de dados estatísticos e a partir dos seus olhares desvelam a complexidade da questão colocada para elas: o trabalho dignifica o homem, já a mulher, quem dignifica?

Essa pergunta, que também é o tema do artigo proposto no jornal, já indica uma atualização da memória através de retomadas de já-ditos construídos historicamente de que cabe à mulher o cuidado da casa, desvelando um funcionamento ideológico que, dentro da formação discursiva na qual se insere o jornal, indica contradição em relação à ideologia patriarcal. Assim, o artigo atualiza os sentidos presentes na ideologia patriarcal que considera que as atividades domésticas não são um trabalho, e conseqüentemente, que a dona de casa não trabalha, mas também problematiza a questão da pouca inserção feminina no trabalho fora do lar. Assim, rompendo a censura do não poder dizer, o Jornal problematiza a questão do trabalho feminino, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres no trabalho fora do lar, a diferença salarial e a discriminação, rompendo com a ideologia patriarcal.

2 | UM GESTO DE ANÁLISE

Na edição do Mulherio, Ano 2. Número 7. Maio/ junho de 1982, foi publicado um longo artigo apontando dados sobre a condição da mulher no mercado de trabalho. Um recorte desse artigo será analisado, vejamos:

Trabalho

O trabalho dignifica o homem. Já a mulher, quem dignifica?

Entre 1970 e 1980, o número de mulheres que trabalham fora de casa passou de 18,5% para 26,9%. Mas as condições de trabalho não mudaram muito: elas continuam ganhando menos que os homens, ocupando as funções de menor prestígio e enfrentando várias formas de discriminação.

Maria não trabalha. Ela só cuida de casa e das crianças. Faz o serviço de casa do jeito velho, mesmo, serve as crianças, vai à feira, faz tarefas no comércio, prepara o almoço, serve o café, lava a louça toda de cada dia, de almoço e do jantar. Tem as roupas, passa as roupas, almeida, lava, cuida e cobra as crianças. Depois de tanto trabalho, Maria fica cansada. Mas, nunca é com trabalho doméstico que ela se orgulha, não acredita que ela não trabalha.

No Brasil, não reconhecemos o trabalho doméstico como trabalho — desde Maria, as outras aproximadas pelas Censuras Demográficas e Pesquisas Múltiplas para Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que em 1981, apenas 24,9% das mulheres trabalhavam fora de casa. Já em 1970, apenas 18,5% das mulheres trabalhavam fora de casa.

Quando alguns economistas aplicam métodos para calcular, em dinheiro o valor do trabalho doméstico realizado "em casa", pelas mulheres, o resultado foi surpreendente: o trabalho doméstico realizado, nas famílias brasileiras, vale de 20% do Produto Nacional Bruto.

Mulher trabalha - mais que o homem

No Brasil, entre 1970 e 1980, o número de mulheres que trabalham fora de casa passou de 18,5% para 26,9%. Mas as estatísticas incluem as donas de casa, os voluntários, as mulheres que trabalham. É preciso verificar que a proporção das mulheres que trabalham é muito parecida com a dos homens — 55,9% delas são "ativos". E mesmo tendo um emprego fora de casa, as mulheres continuam remuneradas pelas tarefas domésticas, cumprindo com o papel de dupla jornada de trabalho. Por isso, trabalhadoras e empregadas domésticas recebem menos que os homens e chegam a ganhar até 1/3 do valor dos salários de trabalho. Segundo um estudo recente publicado pela Organização Internacional do Trabalho.

Maria também decide assumir um emprego, mesmo sabendo que vai ter de lavar e servir de casa e estar de volta de seu de casa. Mas sabe que a maioria dos empregos preferir os homens. Os homens acreditam que as mulheres também lutam mais no trabalho por causa de seus empregos femininos.

Desde 1974, os encargos sociais decorrentes das leis que protegem as trabalhadoras grávidas foram transferidas para o INPS. Mas, mesmo assim, as mulheres continuam sendo obrigadas a sofrer reduções por causa de suas obrigações familiares.

Atualmente trabalham em São Paulo não é fácil. Entre 1980 e 1970, diminuiu a participação das mulheres no total da força de trabalho. Isso pode acontecer de novas oportunidades de emprego e redução de salários, ou seja, mais qualificação. Esse requisito é maior porque sempre houve oportunidades do que as mulheres de menor formação profissional. Hoje, 80% das escritoras domésticas trabalham em indústrias têxteis e de vestuário.

De maneira geral, o mercado de trabalho oferece muito poucas oportunidades de emprego para as mulheres. Em 1978, mais de 80% das mulheres trabalhavam em apenas 10 ocupações diferentes, todas elas de pouco

MULHERIO-4

Imagem 1

O trabalho dignifica o homem. Já a mulher, quem dignifica?

Entre 1970 e 1980, o número de mulheres que trabalham fora de casa passou de 18,5% para 26,9%. Mas as condições de trabalho não mudaram muito: elas continuam ganhando menos que os homens, -- ocupando as funções de menor prestígio e enfrentando várias formas de discriminação.

Maria não trabalha. Ela só cuida da casa e das crianças, faz o serviço de casa. Ou seja, varre, encera, arruma as camas, vai à feira, faz todas as compras, prepara a comida, serve a comida, lava a louça suja do café, do almoço e do jantar, lava as roupas, passa as roupas, alimenta, lava, cuida e educa as crianças. Depois de tanto trabalho, Maria fica cansada. Mas, como é com trabalho doméstico que ela se ocupa, todo mundo diz que ela não trabalha. No mundo das estatísticas, trabalho doméstico não remunerado é confundido com inatividade - dessa forma, as cifras apresentadas pelos Censos Demográficos e Pesquisas Educacionais por Amostras de Domicílios (PNADs) indicam que, em 1980, apenas 26,9% das mulheres brasileiras de mais de 10 anos trabalhavam, eram economicamente ativas. Quando alguns economistas americanos resolveram calcular em dinheiro o valor do trabalho doméstico realizado “de graça” pelas mulheres, o resultado foi surpreendente: o trabalho doméstico constituía, nos Estados Unidos, mais de 25% do Produto Nacional Bruto.

Mulher trabalha mais que o homem

No Brasil, entre 1970 e 1980, o número de mulheres que trabalham fora passou de 18,5% para 26,9%. Mas se as estatísticas incluíssem as donas-de-casa no conjunto das mulheres que trabalham, iríamos verificar que a proporção das mulheres que trabalham é muito parecida com a dos homens - 75,5% delas são “ativas”. E mesmo tendo um emprego fora de casa, as mulheres continuam responsáveis pelas tarefas domésticas, cumprindo dessa forma uma dupla jornada de trabalho. Por isso, trabalhadoras com responsabilidades familiares em geral trabalham mais que os homens e chegam a realizar 70 a 80 horas semanais de trabalho, segundo um estudo recente publicado pela Organização Internacional do Trabalho. Maria também decide arranjar um emprego, mesmo sabendo que vai ter de fazer o serviço de casa à noite ou antes de sair de casa. Mas sabe que a maioria dos empregadores prefere as solteiras. Os patrões acreditam que as mulheres casadas faltam mais ao trabalho por causa de seus encargos familiares. Desde 1974, os encargos sociais decorrentes das leis que protegem as trabalhadoras grávidas foram transferidos para o INPS. Mas, mesmo assim, mulheres casadas ainda continuam a sofrer restrições por conta de suas obrigações familiares. Arranjar trabalho em fábrica não é fácil. Entre 1950 e 1970, diminuiu a participação das mulheres na indústria. Com a utilização de uma tecnologia sofisticada, houve pouco aumento de novas oportunidades de emprego e exigência de mão-de-obra mais qualificada. Esse requisito, a mulher quase nunca pode satisfazer, porque tem sempre menos oportunidades do que os homens de receber formação profissional. Hoje, 80% das operárias brasileiras trabalham em indústrias têxteis e de vestuário. De maneira geral, o mercado de trabalho oferece muito poucas oportunidades de emprego para as brasileiras: em 1970, mais de 80% das mulheres trabalhavam em apenas 10 ocupações diferentes, todas elas de pouco prestígio e baixa remuneração: empregadas domésticas, trabalhadoras rurais, professoras primárias, funcionárias de escritório, costureiras, lavadeiras, balconistas, serventes, enfermeiras e tecelãs. As mulheres de nível médio de instrução estão participando cada vez mais de ocupações administrativas e ligadas ao comércio, atividades que se expandiram graças ao acelerado processo de industrialização. Para as mulheres das classes menos favorecidas e com baixo nível de instrução, a situação é dramática: as possibilidades de trabalho se limitam as ocupações relativas à prestação de serviços, quase sempre como empregadas domésticas, ou ao trabalho no campo.

Quadro 1: Transcrição da imagem 1.

Fonte:Jornal Mulherio- Quadro elaborado pelas autoras

O fato de existir um artigo com este tema já indica um funcionamento discursivo que insere os sentidos sobre ser mulher numa cadeia diferente: a da discussão sobre pouca inserção da mulher no mercado de trabalho. Iniciaremos pelo título do artigo que opera uma inversão de um conhecido provérbio popular: o trabalho dignifica o homem. Pela memória histórica, o trabalho é apresentado como algo dignificante, que confere dignidade ao cidadão. Pela inversão operada na revista a partir do título: *O trabalho dignifica o homem. Já a mulher, quem dignifica?*, insere-se o debate sobre a necessidade de reivindicação de um lugar para a mulher na esfera do trabalho, já que se pergunta quem a dignifica, uma vez

que não há condições igualitárias de exercício profissional entre homens e mulheres. Essa inversão no título do texto coloca através da memória que constitui a formação discursiva feminista, a necessidade de igualdade de oportunidades e faz ecoar naquele momento sentidos antes silenciados: a mulher precisa ser dignificada seja pelo reconhecimento do trabalho doméstico não remunerado ao qual estava submetida diariamente, seja pela superação da exploração que sofria no mercado de trabalho dada a baixa remuneração e pouco prestígio em cargos de trabalhos fora do lar. Assim, é pela memória também que o sentido de trabalho, nas condições de produção da época faziam com que no provérbio *o trabalho dignifica o homem*, a palavra homem estivesse ligada mais historicamente ao ser humano do sexo masculino, e permitisse a brecha para o questionamento, *e a mulher quem dignifica?*

A partir do recorte do artigo, é possível inferir sobre como a mulher era (ou ainda é) vista como o outro, subjugada a trabalhos secundários e mal remunerados, de baixo prestígio social e de cunho servil, é possível também observar a quantidade de mulheres que ocupavam vagas no mercado de trabalho nas décadas de 70-80. Outro ponto muito importante é justamente a noção de trabalho que é discutida e deslocada no artigo, a partir da problematização do fato de que o trabalho doméstico também é trabalho, o que fica visível no trecho:

“Maria não trabalha. Ela só cuida da casa e das crianças, faz o serviço de casa. Ou seja, varre, encera, arruma as camas, vai à feira, faz todas as compras, prepara a comida, serve a comida, lava a louça suja do café, do almoço e do jantar, lava as roupas, passa as roupas, alimenta, lava, cuida e educa as crianças. Depois de tanto trabalho, Maria fica cansada. Mas, como é com trabalho doméstico que ela se ocupa, todo mundo diz que ela não trabalha”. O artigo problematiza pelo questionamento e crítica, um funcionamento ideológico patriarcal que tendia a considerar as mulheres como submissas e incapazes intelectualmente em relação os homens.

Assim, o artigo vai problematizando as questões que dizem respeito à atuação da mulher no trabalho seja no trabalho doméstico (desvalorizado por não se enquadrar dentro da dinâmica da sociedade capitalista,), seja no trabalho fora de casa (desvalorizado por levar a mulher a ocupar cargos secundários e com poucas oportunidades).

No jogo enunciativo, a forma sujeito do discurso feminista questiona e rompe com a formação discursiva patriarcal, desidentificando-se deste, problematizando saberes provenientes da ideologia dominante na luta de classes (lugar de mulher é em casa) para poder, através de dados estatísticos, transformá-los, ressignificá-los como mecanismos de resistências (é preciso que a mulher tenha oportunidades no mercado de trabalho, que se qualifique, que ocupe posições relevantes. Foi preciso falar do mesmo (o trabalho), de forma diferente para que a ruptura, num processo de desidentificação, aparecesse, o que se vê logo no título: “o trabalho dignifica o homem, mas a mulher quem dignifica?”

Pelo discurso do Mulherio, os sujeitos que enunciam na posição de sujeitos mulheres

que escrevem o artigo, esboçam modos de resistência que se consumam no fato do sujeito do discurso reivindicar um lugar para a mulher na sociedade, para além dos serviços domésticos, um lugar de igualdade e liberdade em relação à intelectualidade e força atribuídas apenas ao masculino. Tal reivindicação aparece, dentre outros locais, no trecho:

“[...] Arranjar trabalho em fábrica não é fácil. Entre 1950 e 1970, diminuiu a participação das mulheres na indústria. Com a utilização de uma tecnologia sofisticada, houve pouco aumento de novas oportunidades de emprego e exigência de mão-de-obra mais qualificada. Esse requisito a mulher quase nunca pode satisfazer, porque tem sempre menos oportunidades do que os homens de receber formação profissional.[...]”

Segundo as pistas oferecidas pelo próprio artigo analisado, à mulher era negado o direito à formação e educação para além do que fosse necessário “para administrar um lar” e “educar os filhos”.

Ora, em um panorama como esse, na formação discursiva patriarcal era “quase que” uma condenação, uma determinação e um destino natural viver para o lar e seu marido. A ideologia patriarcal, portanto, nesse caso, pressupunha práticas e a prática de inserção e conservação das mulheres no ambiente doméstico era naturalizada ainda nesse período. Até aqui se pode pensar na constituição do sentido do casamento enquanto uma alternativa ao “sucesso” da mulher.

A memória, como constituição histórica do enunciado, faz atribuir sentidos à mulher casada, diferenciando-a da mulher solteira, sendo a primeira preterida no mercado de trabalho devido à ideia de que a ela exclusivamente cabia cuidar do lar e dos filhos e que isso poderia atrapalhar a realização do trabalho fora de casa.

Neste ponto, destaca-se um trecho em que, através do funcionamento da ideologia, indica como a mulher era levada a ocupar um lugar e não outro na esfera social, a partir de seu estado civil:

“Maria também decide arranjar um emprego, mesmo sabendo que vai ter de fazer o serviço de casa à noite ou antes de sair de casa. Mas sabe que a maioria dos empregadores prefere as solteiras. Os patrões acreditam que as mulheres casadas faltam mais ao trabalho por causa de seus encargos familiares.”

Além de receberem pouca qualificação e terem poucas oportunidades de se inserirem no mercado de trabalho, as mulheres sofriam com a diminuição de ofertas de vagas de emprego devido à sua condição civil: se eram casadas ou tinham filhos, eram preteridas, pois se acreditava que elas não conseguiriam desempenhar seu trabalho adequadamente, uma vez que teriam que se desdobrar entre o trabalho fora e dentro do lar, o que indica um funcionamento da ideologia que considera o lugar legítimo da mulher a esfera doméstica e qualquer coisa realizada fora dessa esfera, poderia “atrapalhar” as atribuições naturais da mesma.

Ela era desde sempre o outro e resistir a esse sistema torna-se quase que uma

obrigação. Por outro lado, o mercado machista não perdoava, e as mulheres casadas passam a ser alvo de discriminação no mercado, pois para a formação discursiva dominante da época, as mulheres poderiam ter “restrições em suas atividades por conta de suas obrigações familiares”.

Todos esses discursos podem ser proferidos porque se trata de um veículo feminista que permite falar o que era silenciado: problematizar a noção de trabalho e mulher, questionando a divisão de tarefas não era o assunto mais comum nos periódicos direcionados para mulheres até aquele período. Ao contrário, não era comum veículos midiáticos onde tais assuntos podiam ser debatidos de maneira a gerar reflexões e críticas, como acontecia no jornal Mulherio, iniciado na década de 1980.

Pensando o veículo Jornal Mulherio como um instrumento onde se podia dizer o que era silenciado, nas condições de produção do final de uma ditadura que interditava os sentidos, compreende-se que este veículo instaura uma relação de resistência. A resistência se dá quando se diz o que não se pode dizer, rompendo-se com a censura, com o silêncio local. Os sentidos que antes eram silenciados precisam se configurar agora, reivindicando um espaço de fala, um lugar de constituição.

3 | ÚLTIMAS PALAVRAS

Conforme os postulados da AD pecheutiana, os sentidos de uma palavra, expressão ou proposição não são fixos, mas variam a depender da posição do sujeito no discurso, da formação discursiva na qual esse sujeito se inscreve. Como foi possível notar na materialidade analisada, o Jornal Mulherio, por se inserir numa formação discursiva feminista, fazia gerar outros sentidos para o trabalho feminino que até o período em que circulava o jornal não eram tão comuns de serem debatidos em veículos midiáticos voltados para o público feminino.

Assim, inserindo-se na FD feminista, questionou-se o olhar sobre o trabalho doméstico feminino e a ocupação da mulher no mercado dos subempregos à época, além das condições que eram ou ainda são impostas a mulher, de acúmulo de papéis, a exemplo de: mãe, mulher, esposa, funcionária, empregada doméstica e etc. colocando-a em duplas, e por vezes triplas jornadas de trabalho. Foram trazidos nos dizeres do artigo proposto pelo Jornal Mulherio, dentro da FD feminista, problematizações sobre a mulher, rompendo com a regularidade presente nos periódicos femininos que, em sua maioria, serviam como manuais de comportamento indicando regras e normas de como as mulheres deviam agir. Assim, situando os dizeres dentro de condições de produção, em que o regime ditatorial instaurado em 64 estava chegando ao fim, o Jornal Mulherio figurava como um veículo de resistência ao silêncio local, ao não poder dizer estabelecido pela censura. Nesse contexto, o Jornal Mulherio se constituiu como lugar de produção de sentidos antes silenciados, abrindo espaço para outros sentidos, permitindo o movimento do sujeito nas redes de

memória, retomando sentidos para contradizê-los e questioná-los.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulherio**. São Paulo. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=459488&pesq=> Acesso em 28.jul. 2019.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed Unicamp, 2007

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD 69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Péricles Cunha. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997, p. 61 - 105.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine, A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Péricles Cunha. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997, p. 163 -252

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-57.

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020